

PAN-SEOK, Ahn. **O romance da meia-noite em Hagwon**. Netflix: Coreia do Sul, 2024.

## ENTRE A UTOPIA E O CHOQUE DA REALIDADE

Williany Miranda da Silva  
Universidade Federal de Campina Grande  
williany.miranda@professor.ufcg.edu.br

O que uma série asiática, a graduação numa licenciatura e a opção de se tornar empreendedor em redes sociais têm em comum? Aparentemente nada. Mas se ouvirmos atentamente o que a pergunta aponta, para além da resposta apressada, tem muito. Espero que, até o final deste texto, eu possa te convencer a ver a série, repensar com mais zelo sua formação e atentar para a ideia de empreendedorismo como um disfarce de seus direitos. Explico melhor à medida que for discorrendo sobre a obra e o porquê de tudo estar intimamente relacionado.

*O romance da meia-noite em Hagwon* é uma série de televisão sul-coreana de 2024 escrita por Park Kyung-hwa e dirigida por Ahn Pan-seok. Para o resto do mundo, pode ser vista, legendada, numa empresa de entretenimento por *streaming* conhecida por Viki. Esta é responsável por divulgar produções do mundo asiático em geral, em versões gratuitas e pagas. As gerações mais bem-informadas sobre o mundo virtual sempre arranjam outros meios de acesso a essas produções (atuais ou nem tanto) com custo zero. Trata-se de um melodrama com 16 episódios cujo tema central, justificado pelo título, ilustra o florescer de uma paixão entre professora e ex-aluno, que retorna à escola após uma carreira empresarial bem-sucedida.

A temática em si não é nova, pois outras séries sul-coreanas, como *A lição* e *Intensivão do amor* (ambas exibidas pela Netflix), reportam-se ao ambiente escolar, com algum romance meia-boca para atrair os telespectadores com ideais românticos e ingênuos. Outro elemento comum é o cotidiano de professores e de alunos em meio ao clima de competitividade, enquanto representantes da classe trabalhadora, oprimida, e refém de bens de consumo na luta pela sobrevivência diária.

Os protagonistas, Jung Ryeo Won (cantora e atriz sul-coreana de 43 anos, com participação em *A Bruxa do Tribunal* (2017) e *Guerra do Tribunal* (2020), dentre outros k-dramas), e Wi Ha-Joon (ator sul-coreano, 33 anos, com participação, por exemplo, em *Romance* é um livro bônus-2019 e Round 6-2021) são veteranos em excelentes atuações e muito convincentes para tratar do primeiro embate que ambos enfrentam- a diferença de idade, seja nos diálogos seja nas expressões de frustração ou tensão pelo romance proibido.

Se fosse para manter o argumento central, poderíamos ter a implacável perseguição dos pais e do diretor de escola em relação ao romance proibido. Entretanto, à medida que os capítulos avançam, a série ganha outros contornos. Diante de uma sociedade conservadora, esse romance surpreende quanto ao posicionamento dos pais,

amigos e colegas de trabalho, em relação aos temas-clichês, como diferença de idade e namoro em ambiente de trabalho.

A evocação ao termo “meia-noite”, para a sustentação do romance, parece em alinhamento com duas referências: uma metafórica- que remete aquilo que deve ficar escondido, nas sombras; e outra mais literal-que considera o tempo restante depois do trabalho. Tal referência faz alusão à extensa carga horária a que são submetidos os profissionais que estes representam. Além disso, suas ações são vigiadas por alunos, pais e professores da escola regular, com quem disputam a imagem de competência. Este aspecto pesa muito mais para a dissimulação do romance do que pela hipocrisia do conservadorismo. E é esse o aspecto que me chama a atenção. Ambos são profissionais que se destacam e não podem cometer deslizes.

No caso dele, seu retorno revela gratidão pelo aprendizado e desejo de reformular aulas para ficarem mais interessantes e produtivas. Há outros detalhes interessantes alimentados pela ficção e objetivo da série, mas isso deixo por conta da curiosidade de quem está lendo e criando expectativas.

No caso dela, vemos anos de uma carreira bem-sucedida a ponto de escorrer pelo ralo, não pelo delito em amar, mas pela oportunidade em oferecer a seus opositores a usurpação de seu lugar sem o devido mérito. Trata-se de uma batalha constante e insana para estar continuamente no auge da fama, e bem sabemos o quanto ser bem-sucedido infla o ego de um profissional, tem até um nome para isso- *influencer*.

Como influenciadora de jovens pensantes e focados, e admirada pelos pais, o caminhar dessa série surpreende pelas rupturas pelas quais a protagonista passa. Assistimos ao revés de uma carreira sólida com a liberdade cerceada, nuances de opressão, perda de autonomia e liderança de que a profissão necessita. A reflexão sobre os princípios éticos e morais, basilares para quem lida com jovens em formação, não pode ser tratada com um viés simplista e preconceituoso do certo e do errado somente numa visão dualista. As verdades e mentiras sobre qualquer assunto se alimentam de narrativas que nem sempre correspondem aos fatos. Ser professor no real ofício implica compromissos com matizes e complexidades sociais indissociáveis ao objeto de ensino.

Nesse sentido, o professor, que se volta para empreender nas redes sociais, sustenta-se pela divulgação do que diz produzir. Em geral, produz-se conteúdo à imagem e semelhança do que se aprendeu na formação, sem mencionar os estudiosos ou obras de referência, como se tudo fora fruto de uma profunda reflexão própria. É fato que todos se afirmam numa onda publicitária e o fenômeno se aplica a qualquer profissional, não apenas àqueles que se formam professores ou assim se dizem.

E este parece ser o caso de ambos os protagonistas, que assumem a chancela de professores e são absorvidos pelo mercado de trabalho, entre o sonho de fazer a diferença e a realidade de não mais ser contemplado pela mesma sociedade que os aplaude, incialmente. Que desfecho se anuncia? De narrativa lenta, vamos nos envolvendo com a brutalidade do cotidiano escolar e, já no primeiro episódio, assistimos a um confronto entre a protagonista e um professor do sistema público de ensino. É velada, porém, perceptível, uma crítica à indústria de cursinhos e ao clima de competição entre o ensino regular e o ensino para entrar numa faculdade de prestígio. Esta crítica se manifesta no objeto de desejo e de baixaria em alguns momentos da série: o banco de questões que desafia as avaliações de larga escala.

O trabalho metílico de uma profissional, que está no auge, é ameaçado por escolhas individuais que não podem estar acima do coletivo. Ela ganha para alimentar o sonho alheio e não o seu próprio. É por essa opressão que me rendo ao pensamento em torno da profissionalização e do percurso que alguns graduandos passam a fazer após a conclusão de seus cursos. Será mesmo que defender o empreendedorismo em redes sociais é a melhor opção de destino ou não seria uma distração enquanto não se cumprem compromissos de carreira na área de educar, como ser aprovado para o ensino regular, por exemplo? Questiono fortemente essa distração, porque para alguns o tempo vai passando, a necessidade de sobrevivência vai engolindo propósitos, a vaidade em aparecer vai embrulhando as vontades e desviando os sentidos.

Na série, a voracidade da luta diária vai sendo justificada pelos bens de consumo desejados e alcançados seja pela produção de materiais didáticos ou metodologia de ensino “inovadoras”, proposta, por exemplo, por um professor que abandona a escola regular e migra para o cursinho, exibido no episódio 12.

Em paralelo, com relação à protagonista, vamos percebendo um desalento existencial tão profundo, que nem o romance consegue encobrir. O telespectador vai se desafiando na resolução do conflito que se põe entre sua vida pessoal e profissional, inferindo situações ideais, plausíveis; afinal- é uma história inventada, mas bem pode ser a sua, a minha ou de outrem. Na série, ficção e realidade se entrelaçam e, não por acaso, fez-me pensar nos jovens que estão formados ou em vistas *de*, para os quais recomendo que não deixem de assisti-la. Sem grandes pretensões, fui me envolvendo com o sentimento saudosista e esperançoso que a trilha sonora da banda The Restless Age evoca com Don't Forget About Me; Catch me e outras, (<https://youtu.be/XSPE-R-ZOvw>). Sutilmente, essa série me capturou e me trouxe a essas reflexões. Por essas constatações, a obra não prometeu nada, mas entregou tudo.